

SUPLEMENTO ESPECIAL

Última chance de vida

JOHN PEKKANEN



Por três vezes Robert Casey concorreu ao cargo de governador da Pensilvânia. Por três vezes viu seu intento frustrado. Por fim, depois de uma campanha duramente disputada, foi eleito e atingiu o que poderia vir a ser o clímax de sua carreira. Mas foi nesse momento de retumbante triunfo que lenta e inexoravelmente uma rara doença genética começou a destruir seu coração, aproximando-o silenciosamente da morte, dia após dia. Segundo os médicos, não havia cura. Mais uma vez, porém, Casey recusou-se a aceitar a derrota. Com a coragem e a determinação que marcaram toda a sua vida, embrenhou-se em sua maior campanha. Desta vez, o objetivo não era um cargo público, mas encontrar a própria salvação.

ROBERT P. CASEY, governador da Pensilvânia, pôs suas compridas pernas para fora da limusine oficial e caminhou lentamente em direção ao centro de saúde comunitária de Harrisburg, a capital do estado. Movia-se com hesitação, sob o olhar atento da mulher, Ellen. A caminhada era de poucos metros, mas extenuou-o.

Uma vez lá dentro, sentou-se numa cadeira metálica de abrir, perto da tribuna, à espera de ser apresentado. Nessa manhã quente de abril de 1993, ele viera para anunciar um novo programa estadual de seguros de saúde para crianças pobres. Era uma das duas aparições públicas que esse governador do Partido Democrata programara para aquela manhã — e uma das mais de 12 previstas para aquela agitada semana.

Quando se sentou, sentiu uma sensação estranha ao longo da perna direita. Inclinou-se e passou a mão por sua parte da frente. Corria um fio de sangue que se perdia na meia. Tentou permanecer calmo e concentrar-se no discurso que iria pronunciar, mas sabia que aquilo era um péssimo sinal.

Na véspera, ele escorregara ao entrar numa caminhonete, ocasionando um corte na perna direita. Um dos militares da escolta oficial fizera um curativo no ferimento, que era profundo, mas o sangue empapava atadura atrás de atadura. Casey ainda se mantivera fiel a seu intenso horário de trabalho, dando-se apenas ao trabalho de passar pelo Centro Médico Estadual de Hershey no

fim do dia para um dos médicos suturar o corte. Recebeu seis pontos.

Em circunstâncias normais, o problema teria sido resolvido assim, mas o estado de saúde do governador era tudo menos normal, e durante a noite o ferimento continuava a sangrar. Naquela manhã, ele tentou se distrair, observando os rostos das crianças na assistência. Era com orgulho que pensava que dentro em breve elas se beneficiariam de seu novo programa.

Quando lhe deram a palavra, ele se levantou e se encaminhou para a tribuna. Ao andar, sentiu o sapato direito encharcado. Estava literalmente cheio de sangue. Ele poderia ter adiado o discurso, mas era o filho estóico de um mineiro de carvão ainda mais estóico que ele. «Meu pai passou por bem pior», pensou Carey ao chegar, preparando-se para falar. Então começou a fazê-lo com fluência. Nenhum dos assistentes poderia adivinhar, baseando-se em suas palavras firmes e determinadas, o que estava acontecendo. Quando terminou, fez questão de se demorar um pouco ali para ter tempo de falar com os que, querendo cumprimentá-lo, procuravam aproximar-se para lhe desejar felicidades.

Mal chegou à rua, porém, virou-se para um dos militares da escolta e disse-lhe, pouco à vontade, que era melhor levá-lo para casa.

Na residência oficial, sua mulher o ajudou a descalçar a meia ensanguentada. Sabia que não valia a pena tentar persuadi-lo a ficar em casa e deixar o corte sarar. Robert tinha

um senso de dever que não lhe permitia desapontar as pessoas que dele dependiam. Depois de Ellen renovar o curativo, ele calçou outro par de meias e sapatos e saiu, a caminho de sua aparição pública seguinte.

Imediatamente depois dessa parada, voltou ao hospital, onde os médicos lhe deram mais pontos. Mesmo assim, o corte continuou a sangrar, e o governador, de 61 anos, não teve dúvidas sobre a razão: os tecidos da perna tinham-se fragilizado tanto que o sangue já não conseguia coagular devidamente.

Três anos antes, os médicos haviam descoberto que ele sofria de uma rara afecção genética chamada amiloidose que lhe causara lesões no coração e nos sistemas circulatório e nervoso. Informaram-no de que se tratava de doença fatal. Não havia tratamento nem cura.

A enfermidade já tinha produzido seus efeitos. Ele passara de seus 80 kg de peso para 70 kg. Com 1,80 m de altura, seu corpo, antes atlético, parecia flutuar dentro dos ternos. O rosto se apresentava seco, esquelético. Os cabelos brancos escasseavam, e a voz tornara-se rouca e fraca.

Apesar da doença, que lhe roubava energias, ele trabalhava regularmente de 12 a 14 horas por dia, participando de reuniões intermináveis e cerimônias oficiais, além de procurar exercer influência numa legislatura estadual dominada pelos republicanos a fim de obter aprovação para seus programas. Queria atrair novos negócios e criar novos empregos no estado.

Nunca perdia de vista que já lhe restava pouco tempo, mas recusava-se a aceitar o prognóstico. À espera de um milagre médico, falou com vários especialistas acerca de sua doença, e analisava regularmente textos de revistas médicas, procurando artigos sobre ela, mas todos os especialistas, livros e artigos só lhe apresentavam uma resposta: a amiloidose não tinha tratamento; ninguém conseguia sobreviver. Carey, porém, se recusava a desistir.

— Estou certo de que haverá alguma coisa que me ajude — disse para Ellen. — Não sei o que é, nem quando vai surgir. Tenho de continuar procurando.

Três fracassos

Para Robert Casey, ser eleito governador era a prova de que os milagres eram uma realidade. Ele havia concorrido a três eleições — 1966, 1970 e 1978 — e fora sempre vencido nas primárias democráticas.

A derrota de 1978 foi de longe a mais difícil. Ele sentiu que nesse ano era o favorito, mas a eleição escapou-lhe dos dedos graças a uma velha rasteira política. No dia seguinte àquele em que se apresentou na corrida para governador, um outro Robert P. Casey candidatou-se a vice-governador. Esse não tinha qualquer experiência política. Era professor de Biologia no ensino secundário. Mais tarde, Robert veio a saber que o candidato impostor freqüentara a escola com o irmão de um de seus oponentes políticos.

Os eleitores ficaram confusos, como era de prever, com os nomes idênticos dos Casey que se apresentavam a sufrágio, e, como a votação se dividiu, o verdadeiro candidato Casey foi derrotado logo nas primárias dos democratas.

Esse insucesso pareceu significar seu fim político.

Tomando o revés como sinal de que devia desistir de suas aspirações políticas, Casey retornou à prática da advocacia em Scranton. Embora trabalhasse num escritório bem-sucedido e passasse a ganhar rapidamente um salário de centenas de milhares de dólares, sentia-se inquieto e infeliz. Ansiava por voltar à arena política. Quando um amigo lhe perguntou por quê, respondeu:

— Porque o cidadão médio precisa ter alguém que esteja de seu lado nos cargos do poder.

Casey, de certo modo fora de moda, via a política como uma forma de ajudar as pessoas de seu estado natal. Essa perspectiva ele herdara do pai, Alphonsus, que havia estudado à noite e se formara em Direito aos 40 anos. Achava ele que os cargos de poder eram uma missão de confiança pública e lutava pelos desfavorecidos. Inspirado pelas convicções do pai, Casey concorreu e foi eleito para o senado estadual em 1962. Seis anos após, foi eleito auditor geral, ou seja, diretor dos serviços de finanças do estado.

Nas administrações anteriores, a função tornara-se um cargo clientelista. Casey pôs um fim nisso. Estava há poucos dias no posto quan-

do um de seus colaboradores lhe disse que os chefes de departamento dos serviços lhe tinham deixado várias centenas de dólares em dinheiro e cheques em cima da mesa. Eram quantias cobradas aos empregados dos departamentos para o comitê estadual democrata. Informaram-no de que tal coisa acontecia sempre que havia pagamentos. Ambos os partidos seguiam essa prática havia anos. Casey, escandalizado, acabou com a coisa nessa mesma tarde. Depois, emitiu uma circular severa em que dizia que ninguém era obrigado a dar um centavo que fosse ao partido.

Para tirar o maior rendimento possível das finanças estaduais, transferiu o dinheiro do estado de contas em bancos que gozavam dos favores políticos para outros que praticavam taxas de juros mais elevadas. O pessoal de Casey percorreu a Pensilvânia investigando adjudicações de estradas e edifícios, creches — tudo quanto envolvesse dinheiro do estado. Uma auditoria aos beneficiários da assistência social chegou à conclusão de que cerca de 10% não tinham direito a ela. Só essa descoberta poupou aos contribuintes mais de 33 milhões de dólares durante três anos. Uma das auditorias até forçou o governador — um democrata como ele — a prescindir de seu jato particular.

Casey galvanizava seu pessoal:

— Em dado momento da vida, vocês passarão em revista o tempo em que foram funcionários públicos. Quando isso acontecer, a pergunta mais importante será: «Que

foi que fiz quando tive possibilidade de melhorar as coisas?»

Quando seu mandato de oito anos terminou, em 1977, ele calculou em 189 milhões de dólares as poupanças que suas medidas permitiram ao estado. Foi saudado por muitos jornais da Pensilvânia como um dos melhores, se não o melhor, dos auditores gerais da história estadual.

Recordando esses anos, no conforto e bem-estar de sua prática privada, ele ansiava por prosseguir a carreira que interrompera depois de ser auditor. Em fins de 1985, disse a Ellen que queria concorrer uma quarta vez à governança do estado. Ela recebeu que ele caísse no ridículo.

— Tem mesmo certeza de que quer passar por tudo mais uma vez? — perguntou-lhe.

— Tenho sim — respondeu Casey. — Será meu último triunfo.

Regresso

Venceu uma dura batalha inicial em maio de 1986. Mesmo assim, poucos acreditavam que pudesse ganhar as eleições. Seu oponente era o vice-governador William W. Scranton III, muito popular e filho de um ex-governador. Os Scranton estavam habituados a vencer eleições na Pensilvânia, e parecia que a história iria se repetir. Quando a campanha se iniciou, no começo de agosto, Casey não só estava 15 pontos abaixo nas sondagens, como sua organização não dispunha de meios financeiros.

Mesmo assim, em toda a cam-

panha ele se manteve inabalável em sua convicção de que venceria. Já ganhara em outra ocasião, contra ventos e marés. Recordava-se de que, quando o pai morrera, deixara incompleta uma de suas missões como advogado. Defendera um mineiro de carvão a quem tinha sido recusada a aposentadoria, depois de trabalhar 50 anos nas minas. Alphonsus ganhara a causa em primeira instância, mas o fundo de pensões recorrera ao Supremo Tribunal do estado. Mais do que tudo na vida, Casey queria ganhar o recurso em nome do pai.

Na época, como advogado estagiário, praticamente recém-formado, ele teve de obter autorização especial para se apresentar no Supremo Tribunal da Pensilvânia e defender o caso. Durante semanas, passou longas horas debruçado sobre livros de Direito, preparando argumentos e pondo em causa todo o poder e recursos dos fundos de pensões.

Quando os sete juízes anunciaram terem decidido a seu favor, meses depois, ele ficou em silêncio por momentos na sala do tribunal. Estava tão emocionado que não conseguia falar. Sabia que o pai se orgulharia dele.

Agora, 29 anos depois, na campanha para governador, ele se recusava a desistir, mesmo que lhe dissessem mais uma vez ter tudo contra si. E tinha razão. Depois de uma campanha difícil, derrotou William Scranton por 70 000 votos, com 3 milhões de votos a seu favor.

Teve pouco tempo para saborear

o triunfo. Numa noite úmida de agosto de 1987, oito meses depois de se tornar governador, caminhava pela Broad Street, em Filadélfia, a caminho de um jantar. Percorridos dois quarteirões, começou a sentir a cabeça tonta e teve um estranho acesso de intenso suor.

No mês seguinte, mencionou o incidente a alguns médicos no decorrer de um exame físico de rotina no Centro Médico de Hershey. Passando por exames rigorosos, foi informado das más notícias. Embora tivesse sido sempre um homem saudável e cheio de energia, padecia agora de uma grave doença das artérias coronárias. Já sofrera um ataque cardíaco «silencioso», provavelmente naquela noite quente em Filadélfia. Por insistência dos médicos, sujeitou-se a uma cirurgia de *bypass* quádruplo no Hershey, no início de outubro, tendo corrido tudo bem.

Sete semanas depois, o governador, mais magro, tomou rapidamente em mãos as causas sobre que sua campanha se desenvolvera. Durante os anos 80, a Pensilvânia havia perdido a cifra impressionante de 300 000 empregos — mais de 15% de sua mão-de-obra. Muitas dessas perdas registraram-se no Oeste do estado, em cidades e localidades do «cinturão da ferrugem» do vale do Monongahela, onde haviam fechado metalúrgicas prósperas no passado. Prejudicados pela concorrência estrangeira e por métodos de trabalho obsoletos, os fogos acesos nos fornos das fundições tiveram de ser apagados.

Casey gastou longas horas na tentativa de conceber estratégias que socorressem essas cidades, mas o enérgico governador ressentia-se de tanto trabalho. Convencera-se de que seus problemas de saúde estavam vencidos, mas, à medida que passavam os meses, reparou que não reagia com a mesma energia de antigamente. Esta percepção inquietante ocorria-lhe cada vez mais.

Diagnóstico mortal

— Vamos lá, Spike — insistia Ellen Casey quando, na companhia do marido, praticava marcha perto da residência oficial no outono de 1990. — Mantenha o passo certo.

Decidida a restituir a saúde ao marido, começara com ele um vigoroso programa de exercícios. As longas pernas de Robert moviam-se em geral mais depressa que as dela, mas ultimamente ele parecia ter dificuldade em acompanhá-la. «Isso não é próprio dele», pensou Ellen. Robert também começou a reparar que se cansava com mais facilidade, mas achou que era por estar terminando a campanha para a reeleição e por ser pressionado por todos os afazeres que lhe ocupavam o tempo.

A ironia da situação não escapou a Ellen. Há 15 anos, fora Robert quem andara obcecado por sua saúde. Ele se lembrava do horror por que passara quando Ellen se submetera a tratamentos, e mais tarde a uma operação cirúrgica, por um câncer do cólon. Nunca ele rezou com mais ardor que naquele momento.

Seria difícil encontrar casal mais unido. Conheceram-se num baile da Associação Cristã de Moços, quando cursavam o 2.º grau, e começaram a namorar pouco depois. Quase desde o primeiro momento, Robert soube que encontrara a mulher com quem gostaria de casar. Continuou a namorar Ellen no tempo da escola secundária, e depois na universidade. Não era só o fato de ela ser bonita. Robert sentia-se atraído pela força tranqüila que ela emanava. Um mês depois de terminado o curso em Santa Cruz, em 1953, os dois se casaram.

Ellen, mulher discreta, de falar calmo, dedicou-se inteiramente à sua enorme família e evitava ser posta em evidência. Não teria escolhido a política como profissão para o marido, mas nunca deixou de apoiá-lo. Assim que ele se tornou um político, ela aprendeu a se adaptar.

Enquanto continuavam o passeio, Ellen se sentia cada vez mais preocupada, vendo o marido definhar de dia para dia. Ultimamente parecia muito fraco. «Oxalá essa campanha acabe logo», pensou ela.

Em 1990, a corrida eleitoral para governador foi o apogeu da vida política de Robert Casey. Nos últimos quatro anos, entre seus feitos extraordinários incluía-se ter dado início a vários programas importantes de construção de estradas, a redução dos impostos sobre os negócios e uma concessão maior de subsídios a instalações industriais nas áreas mais atingidas da Pensilvânia.

Também concentrou sobre si aten-

ções inusitadas devido à sua posição sobre a controversa questão do aborto. Opunha-se a ele, numa atitude que, ao contrário da de alguns políticos, não resultava de conveniências políticas, mas de uma inabalável convicção moral. Católico devoto, acreditava piamente na necessidade de uma absoluta proteção legal aos nascituros e que o aborto por simples vontade era uma forma de aviltamento da vida humana.

Mas as preocupações de Casey a respeito das crianças não se limitavam a essa prática.

— Uma criança não tem só o direito de nascer, mas também a uma vida digna e feliz — disse ele certa vez.

Por isso, apoiava os seguros de saúde, os programas de nutrição e vacinação para crianças pobres, assim como toda uma série de outros serviços destinados a apoiar as gerações futuras.

Há muito que as crianças estavam no primeiro lugar em sua lista de prioridades. Pouco depois de ser eleito para o senado estadual, foi informado de um raro defeito de nascença designado por fenilcetonúria (conhecida pela sigla inglesa PKU). Se não fosse medicada nos recém-nascidos, essa doença poderia causar um atraso mental profundo e até a morte. Tratada na infância, é perfeitamente curável.

Quando descobriu que um exame de PKU era barato e fácil, Casey lutou, com êxito, para a aprovação de uma lei que tornou-o obrigatório para todos os recém-nascidos. Lo-

go teve a satisfação de ler um artigo sobre o primeiro diagnóstico do mal num bebê, em consequência da nova legislação. Agora, como governador, fazia questão de que a Pensilvânia adotasse um dos melhores programas de saúde infantil do país.

Durante a campanha de reeleição de 1990, seus colaboradores sugeriram que realçasse realizações desse tipo e pusesse menos ênfase na questão do aborto para reduzir os custos políticos, mas ele se recusou.

— Se eu perder a reeleição por causa de minhas convicções, paciência.

O resultado? Competindo com um republicano favorável ao aborto, Casey ganhou a eleição para governador de 1990 com 68% dos votos. Foi a maior vitória, e a mais retumbante, numa eleição desse tipo na história da Pensilvânia.

Três semanas depois da reeleição, ele voltou ao Centro Médico, onde o submeteram a um ecocardiograma. Usando ondas de som, esse exame produz uma imagem da estrutura do coração. Na sala de testes, às escuras, Casey virou-se de lado, enquanto um técnico guiava um transdutor de ultra-sons sobre seu peito. O Dr. David Leaman, o cardiologista, estudou as imagens a preto e branco numa pequena tela de vídeo.

Fixou o olhar no ventrículo esquerdo, a principal câmara de bombear do coração. A espessura das paredes duplicara desde o último exame, um mau sinal.

— Espere um pouco — murmurou Leaman. — Há qualquer coisa que está mal aqui.

Os médicos fizeram então uma biopsia cardíaca, inserindo um arame fino com pequenas garras em forma de pinça pela veia femoral da perna direita de Casey. Guiados por um fluoroscópio, fizeram o dispositivo penetrar no coração e colheram ali um pedacinho de tecido. Depois, mandaram o paciente para casa, enquanto examinavam a amostra.

O telefone da residência do governador tocou na noite seguinte. Era o Dr. Leaman com uma voz grave. Robert e Ellen foram para a biblioteca do segundo andar, onde podiam ouvir a chamada ao mesmo tempo.

— Que foi que você descobriu? — perguntou Casey.

— Governador, acho que devíamos conversar pessoalmente sobre o assunto — disse Leaman.

— Não — insistiu Casey. — Estou pronto a ouvir o que tiver para me dizer agora mesmo.

— Trata-se de amilóide — esclareceu então Leaman.

Um pensamento aterrador passou pela mente de Casey: «Foi isto que matou Dick Caliguiri.» Havia menos de três anos, o prefeito de Pittsburgh, Richard Caliguiri, morrera, aos 56 anos, de amiloidose. Falha cardíaca.

— É possível fazer-se alguma coisa? — perguntou Casey calmamente.

— Talvez possamos aliviar alguns dos sintomas com medicação — explicou Leaman —, mas cura não há.

Depois de desligarem, Casey e a mulher, perturbados, ficaram em silêncio. Nessa noite, nenhum dos

dois dormiu direito. Casey só pensava: «Quanto tempo terei de vida?»

Efeitos brutais

Pouco disposto a se comportar como vítima passiva, começou a se informar sobre a doença. Ficou sabendo que a amiloidose atinge menos de um em cada 100 000 americanos. Seu nome advém de uma proteína anormal chamada amilóide, que invade os órgãos principais, inclusive o coração. Acumulando-se ao longo do tempo, esses depósitos destroem o tecido saudável e acabam por matar a pessoa.

Há duas formas principais de amiloidose — a familiar e a primária. A forma primária, que tem origem na medula óssea, é a mais comum e aquela que se desenvolve mais depressa. A familiar é herdada e desenvolve-se mais lentamente. Mas ambas são mortais.

Para determinar o tipo de amiloidose de Casey, os médicos pediram ao Dr. Robert Kyle, da Clínica Mayo, e uma das maiores autoridades na matéria em todo o mundo, que examinasse o governador. Se tivesse amiloidose primária, como os médicos suspeitavam, seu tempo de vida poderia ser muito breve.

No início da primavera, veio finalmente o diagnóstico, e Casey chegou à conclusão que era o momento de informar a família.

A 12 de maio de 1991, Dia das Mães, escurecia quando ele terminou a refeição e a mesa foi tirada. Estavam presentes seus oito filhos e

alguns dos cônjuges respectivos: os filhos Bobby, Chris, Pat e Matt; e as filhas Margi, Mary Ellen, Kate e Erin.

Quando todos se reuniram na sala de estar, Robert Casey pediu que pusessem para dormir seus 14 netos. Depois de cada uma das crianças ter ido beijar o avô antes de ir para a cama, foi que ele voltou-se para seus próprios filhos.

A família o observava, ansiosa. Casey lançou um olhar em redor, com um intenso sentimento de tristeza por causa do peso que estava prestes a lançar sobre todos eles.

— Queria que vocês ouvissem isso diretamente de minha boca para não haver confusões — começou ele.

Explicou que a Clínica Mayo o informara recentemente de que tinha amiloidose familiar do tipo apalachiano, assim chamada por ter sido identificada pela primeira vez numa família da região dos Apalaches, nos Estados Unidos.

— Só falo a vocês sobre isso — prosseguiu — porque soubemos que meu tipo de amilóide é causado por um defeito genético que se herda, o que significa que cada um de vocês tem 50% de probabilidades de ser portador do mesmo mal.

Prosseguiu, explicando que a doença era incurável, mas felizmente a forma familiar progredia mais devagar do que a do tipo primário. Disse também aos filhos que podiam submeter-se ao exame para determinar se eram portadores ou não do defeito genético que causava a amiloidose.

— Podem fazê-lo, se quiserem. Felizmente, a pesquisa genética registra avanços tão rápidos que, quando estiverem na meia-idade, haverá provavelmente uma cura — acrescentou, incutindo-lhes ânimo. — E não se preocupem comigo — terminou, sorrindo. — Farei todo o possível para vencer essa coisa. Posso muito bem viver até os 80.

Os filhos ficaram estupefatos por momentos. Depois, alguns deles levantaram-se para abraçar o pai. Outros fizeram perguntas sobre a sua doença.

Ninguém levantou o problema de Robert continuar nas funções de governador. Enquanto o físico lhe permitisse cumprir seus deveres, seu sentido de responsabilidade levá-lo-ia a não abandonar o cargo. Dois meses depois, reagindo aos boatos de que ia se demitir de suas funções, anunciou publicamente a doença, garantindo à imprensa que a afecção não interferiria com o desempenho do seu posto.

Manteve-se num combate constante, continuando a trabalhar longas horas. Contudo, a doença ia-lhe cobrando seu preço brutal. Na primavera de 1993, precipitou-se o declínio de seu estado de saúde e Casey passou a sentir mais dificuldade em subir degraus. Perdeu também mais peso. Embora em público irradiasse confiança, em privado sabia que estava piorando a olhos vistos. A circulação sanguínea deteriorava-se de forma tal que ele tinha sempre as mãos e os pés gelados. Da ponta dos pés até o meio da barriga das

pernas, a pele tinha um tom azulado por falta de oxigênio.

O acúmulo das pequenas fibras de amilóide no sistema digestivo contribuía para uma diarréia quase permanente e tirava-lhe o apetite. Era freqüente ele mastigar apenas uma juliana de cenouras ao jantar, a única coisa que conseguia engolir. Justificava-se com os convidados dizendo já haver comido mais cedo.

O ataque da amilóide ao sistema nervoso periférico afetava sua pressão. Conjugada com um coração enfraquecido, isso o fazia sentir tonturas quando se levantava depois de estar sentado por um período longo.

Apesar dos esforços que fazia, a sua saúde era o tema principal entre os boateiros do estado. Perdera uma quantidade de peso impressionante e a doença era evidente. As pessoas interrogavam-se sobre se estaria à altura de desempenhar suas funções.

A própria família não percebia bem a gravidade de seu mal. Em meados de maio de 1993, contudo, as dúvidas cessaram. Estavam todos reunidos em South Bend, Indiana, para assistir à cerimônia de formatura de Matthew, de 22 anos, na Universidade de Notre Dame. Durante todo o tempo em que estive-

ra no serviço público, que requeria muito de seu esforço, Casey orgulhara-se de nunca ter faltado a nenhum dos acontecimentos especiais relacionados com os filhos. Assistira a todas as suas primeiras comunhões,



Foto da família Casey tirada no verão de 1994.

jogos e recitais de piano importantes e estivera presente em todas as formaturas.

A tarde em que Matthew ia receber o diploma de fim de curso calhou num dia ensolarado e cálido de primavera. Casey só tinha de percorrer uma curta distância para ir ao encontro do filho. Mas, quando chegou o momento de fazê-lo, Ellen, chocada, deu com o marido deitado na cama do hotel. Não conseguia se levantar.

— Acho que não vou poder ir — murmurou para a mulher.

Fechando a porta com cuidado, ela deixou o marido na cama, prostrado e exausto, e foi ter com os fi-

lhos, esperando pelo início da cerimônia. Em resposta aos olhares interrogativos que eles lhe lançaram, disse apenas:

— Seu pai precisa descansar.

Mais tarde, Casey juntou-se à festa, mas os filhos, que nunca tinham visto o pai fazer sequer uma sesta, compreenderam finalmente que estava muito doente. Nos dias seguintes, os oito mantiveram-se em contato telefônico constante uns com os outros, tentando habituar-se à idéia de que o pai, aparentemente inenunciável, definhava de dia para dia.

Quando o casal regressou a Harrisburg, Ellen telefonou imediatamente para os médicos de Hershey e perguntou:

— Ele está decaindo muito depressa. É possível fazer-se alguma coisa?

Os médicos tentaram tranquilizá-la, mas não tinham mais nada a acrescentar. O marido procurou consolá-la, dizendo:

— Apesar de ninguém acreditar em mim, ainda acho que alguém virá me salvar deste tormento.

A 24 de maio de 1993, passados poucos dias do regresso de South Bend, o Dr. Thomas E. Starzl subiu os dois lances de escada de seu escritório, uma sala despreziosa situada por cima de uma Pizza Hut na Quinta Avenida de Pittsburgh. Embora ele, homem de 67 anos, e o governador Casey nunca se tivessem encontrado, partilhavam duas características importantes — não davam a menor importância a ceticismos

e seguiam tranquilamente seus instintos mais íntimos.

Com pouco menos de 1,80 m, Starzl era muito magro e tinha cabelos grisalhos e curtos e olhos de um brilho penetrante. Seus dedos eram longos e delicados, próprios do cirurgião que era. Embora ganhasse bem, interessava-se pouco pelos bens materiais. «Só preciso de algum dinheiro para ir ao cinema de vez em quando», comentara com um amigo. Preferia usar camisas de gola ruilê e blusões, em vez de terno e gravata, e andava num automóvel compacto com 16 anos de uso.

Tal como Casey, o médico era um homem que não se poupava. Três anos antes, ao subir essas mesmas escadas, sentiu uma punhalada ardente no peito. A brutalidade da dor o fez baquear e cair de joelhos. Arrastou-se então até o escritório, deixando-se ficar deitado no chão durante uma hora, até lhe passar aquela dor aflitiva. Mas, habituado ao trabalho árduo desde jovem, levantou-se, cambaleou até a secretária, trabalhou 12 horas e à meia-noite foi de carro para casa.

Foi só por ainda não se sentir bem na manhã seguinte que resolveu ir à emergência do Hospital Presbiteriano, onde exercia funções como chefe de transplantes. Starzl tinha nascido com uma variação anatômica: só a artéria coronária direita fornecia sangue ao coração. E os exames a que se submeteu revelaram que ela estava praticamente bloqueada.

Quando lhe disseram que precisava operar-se para a implantação

de válvulas na coronária, fez questão de assistir primeiro a uma conferência de médicos em San Francisco antes de se deixar operar. Três dias depois disso acontecer, o cirurgião, tomado de agitação, arrancou os fios de soro, deu-se alta e voltou ao trabalho.

Brilhante e voluntarioso, fora um dos pioneiros dos transplantes de fígado e, nesse processo, contribuía para abrir caminho a novas soluções no campo dos transplantes de órgãos. Começara suas pesquisas na Flórida há mais de 35 anos, como cirurgião interno da Escola de Medicina da Universidade de Miami. Mais tarde, transferira-se para a Escola de Medicina da Universidade do Colorado, onde tentou o primeiro transplante de fígado humano em 1963. O paciente morreu na mesa de operações. Os quatro seguintes também não saíram vivos do hospital.

Foi criticado e até difamado pela classe médica. Alguns pensavam que o transplante do fígado, o órgão interno maior e mais complexo do corpo, estava fora do alcance da medicina. Mas ele persistiu em sua busca.

Com uma espantosa capacidade intelectual, logo se tornou conhecedor de segredos da farmacologia, da bioquímica e da biologia molecular, ao mesmo tempo que aprendia a vencer o maior obstáculo aos transplantes de órgãos — o sistema imunológico humano. Acabou provando que os cétricos estavam errados. Seus pacientes viveram o bastante para terem alta do hospital. Alguns desses primeiros ainda hoje estão vivos.

Após sua chegada à Universidade de Pittsburgh, em 1980, Starzl transformou seu hospital no mais importante centro de transplante de órgãos do mundo. Filho do dono e editor de um jornal de Iowa, ele tinha, como o pai, jeito para escrever coisas com vivacidade. Publicou *The Puzzle People* (*Gente Quebrada-Cabeça*), suas memórias a respeito da história dos transplantes de fígado. Em abril de 1993, por insistência de uma amiga, Catherine Baker Knoll, tesoureira do estado, Starzl fez uma dedicatória ao governador num exemplar desse livro, em que dizia: «Ao governador Robert P. Casey, com admiração por seus esforços para melhorar os cuidados de saúde em nosso estado da Pensilvânia». No rodapé da página, acrescentou: «Espero conhecê-lo um dia.» Catherine deixou o livro no escritório de Casey.

Naquela tarde de maio, no gabinete de Starzl, o telefone tocou e ele surpreendeu-se quando a assistente lhe disse que era o governador. Casey, por seu lado, logo viria a perceber que aquele fora o telefonema mais importante de sua vida.

— Estou ligando para lhe agradecer o livro, assim como sua amável dedicatória.

Ironicamente, o governador esteve a ponto de não o ler, apanhado nas malhas de seu rigoroso código ético. Por princípio, recusava-se a aceitar qualquer presente, enquanto tal não lhe fosse consentido por seu *staff* jurídico. Quando Catherine telefonou para o escritório dez dias

depois de entregar o livro, ficou sabendo que o assunto ainda não tinha sido resolvido. Só após regressar de South Bend foi que Casey recebeu *The Puzzle People*.

Depois de conversarem por momentos, Starzl, partindo do princípio de que a conversa terminava ali, começou a agradecer o telefonema. De repente, o governador lhe perguntou:

— Que é que você sabe sobre a amilóide? — e prosseguiu, descrevendo seu estado médico. Terminou inquirindo:

— Conhece alguma coisa que me possa ajudar?

— Eu lhe telefono daqui a 5 minutos — respondeu Starzl.

A seguir, tirou da estante por cima de sua mesa um grosso volume intitulado *As Bases Metabólicas das Doenças Genéticas*. Folheou-o até encontrar o capítulo sobre amiloidose e estudou-o por minutos. A seguir, ligou para o gabinete do governador.

— Posso curá-lo com um transplante de fígado.

Casey nem queria acreditar no que ouvia. Perguntou:

— Você disse *curar*?

Starzl garantiu que sim. Casey quase não conseguia falar, cheio de alegria e esperança. Sentia-se como um afogado a quem de repente é lançado um salva-vidas.

— Incrível! — murmurou.

— Pois é, governador, incrível — concordou Starzl.

Como o defeito genético no fígado de Casey o levava a produzir

proteínas anormais que provocavam lesões no coração, a substituição do fígado eliminaria a origem do problema, argumentou Starzl.

Riscos/benefícios

Numa sexta-feira 11 de junho, ele, com ar sorridente e bem-disposto, caminhou para o palanque da assembleia legislativa do estado, em Harrisburg. Sentados a seu lado, estavam Ellen, alguns dos filhos e Starzl. O governador falou aos repórteres de sua reunião com o cirurgião e da ousada proposta deste no sentido de lhe fazer um transplante de fígado.

— Pela primeira vez, deram-me a possibilidade de combater a doença — afirmou Casey.

Apesar da incerteza, decidiu embarcar naquela aventura médica, sem grandes planos e com poucas ilusões. Dias antes desse anúncio público, traçara duas colunas num bloco amarelo de linhas e intitulara uma «riscos» e outra «benefícios». Por baixo da primeira, escrevera quatro palavras: «Pior não posso ficar.»

Tomou então um avião para estar no Centro Médico da Universidade de Pittsburgh sábado de manhã cedo, acompanhado da mulher. Seu estado de saúde parecia ter passado a uma nova fase, bastante preocupante. Dias antes, sentira uma estranha sensação: vibrações no peito.

Os médicos mandaram-no fazer uma bateria de testes, e, no fim dessa manhã, Starzl, na sala do terceiro andar da ala de cardiologia, olhava

para os resultados sem querer acreditar. O índice cardíaco de Casey, uma medida da capacidade do coração de bombear sangue para o corpo, indicava 1,4. O normal fica entre 4 e 5. «Não é possível continuar vivo com esses números», pensou Starzl.

Os médicos diagnosticaram a sensação de palpitações sentida por Casey como sendo fibrilação atrial. Nos que padecem de amiloidose, essa batida rápida e arritmica do ventrículo do coração é habitualmente um sinal alarmante que pode indicar uma falha cardíaca por congestão.

— Não tenho de fazer mais testes — anunciou Starzl.

Ele sabia que uma operação de transplante de fígado provocaria uma enorme pressão sobre o coração de Casey e provavelmente matá-lo-ia. A única chance de sobrevivência que o governador tinha, argumentava o médico, era um transplante duplo de fígado e coração. A opção era arriscada. Em todo o mundo só se tinham feito duas dúzias de operações desse tipo, e nos Estados Unidos, só seis. Destas, quatro tinham sido acompanhadas pelo Centro Médico da Universidade de Pittsburgh, e nenhum dos pacientes continuava vivo. Contudo, Starzl estava convencido de que as novas drogas contra a rejeição, bem como uma melhoria nas técnicas cirúrgicas, aumentavam as probabilidades de êxito.

— O governador é um lutador — disse ele para os colegas.

Ele reparara no modo determina-

do como Casey continuara agarrado ao trabalho, apesar de sua grave deficiência coronária.

— Acho que isso lhe dá uma boa chance de sobrevivência.

A maior parte dos médicos concordou com Starzl, mas dois se opuseram em absoluto ao transplante. Pensavam que seria arriscado demais fazê-lo e iam contra a perda inútil de órgãos preciosos, do que resultariam acusações ao centro de ter feito uma grande encenação sem resultados.

— A doença dele já foi longe demais — argumentou um dos médicos. — O transplante não vai dar resultado e isso vai pesar sobre nós.

Starzl tirou imediatamente os dois médicos do caso, explicando:

— Se alguém fizer uma expedição ao Pólo Sul, não vai querer a companhia de quem está convicto de que não se vai chegar lá.

Nessa tarde, a equipe médica de Starzl encontrou-se com Casey, que comia um pedaço de torta de queijo em seu quarto no hospital. Starzl começou por dizer:

— Governador, a melhor forma de prepará-lo para o que vou dizer é pô-lo a par do que se passa: seu coração sofreu lesões tão graves que o senhor corre um grave risco de morte. Não precisa apenas de um transplante de fígado. Necessita também de um de coração.

— Ao mesmo tempo? — perguntou Casey, tentando assimilar os novos dados.

— Sim — confirmou Starzl —, é assim que devemos proceder.

A notícia foi um choque para Casey, mas ele se manteve calmo. Depois de um período de luta tão prolongado contra a doença, sentia-se aliviado por estar entregue a alguém. Por fim, disse:

— Bem, se você acha que devemos seguir por esse caminho, vamos a isso.

Starzl avisou-o de que, a partir daquele momento, não poderia sair do hospital.

— Podemos perder o contato com você a qualquer momento — explicou, inclinando-se para a frente para dar mais ênfase à questão. — Queremos mantê-lo aqui até obtermos os órgãos. O senhor vai travar a batalha mais dura de sua vida. E vai ganhá-la.

Nessa mesma tarde, Robert e Ellen marcaram uma chamada múltipla para todos os filhos a partir de seu quarto no hospital. Deram-lhes a notícia em conjunto, informando-os de que ninguém sabia quando os órgãos estariam disponíveis.

— Pode ser que tenhamos de esperar dias ou semanas — acrescentou Ellen.

Casey deu outra razão para aceitar o transplante:

— Quero que vocês e seus filhos compreendam, no caso de virem a ser atingidos por esta doença quando forem mais velhos, que não é necessariamente uma luta perdida.

NESSE mesmo sábado, a 3 km dali, no quarto 548 da UTI de traumatologia do Hospital Geral de Allegheny, Frances Lucas velava o filho

Mike, imobilizado numa cama. O som de vozes do aparelho de televisão e o silvo do aerador eram os únicos sons na sala. O cansaço cavara olheiras profundas no rosto de Frances. Desde o domingo anterior, 6 de junho, ele só saía dali por umas poucas horas.

Naquele dia, um grupo de quatro carros estacionara em frente do n.º 440 da rua Clarendon, a casa dos Lucas em Monessen, uma velha cidade siderúrgica uns 10 km a sul de Pittsburgh. Uma dúzia de homens de aspecto duro saía dos automóveis. Eram membros de uma temível gangue de traficantes da vizinha cidade de Uniontown. Um deles, Christopher Garry, de 22 anos, estivera muitas vezes em visita à casa dos Lucas, em criança, e era amigo de Mike. Tinha-se tornado traficante em Monessen e recentemente deixara de pagar 1 kg de cocaína que lhe fora confiado pela gangue. Embora os investigadores estejam convencidos de que Garry escondia ou vendera essa cocaína, ele informou aos bandidos que fora o sobrinho de Mike quem roubara a droga e de que ele poderia revelar o paradeiro da cocaína. A gangue estava ali para extorquir a informação a alguém que era inocente da trama.

Depois de Garry atrair Mike para fora de casa, vários membros do bando espancaram selvagememente o jovem durante 10 minutos. Chutaram-no repetidamente nas costelas, pernas e cabeça, enquanto o agredido permanecia indefeso na calçada em frente de sua casa. Quando

eles foram embora, Mike se levantou a custo e cambaleou até em casa.

Passados uns minutos, chegou Frances, regressando de seu turno como recepcionista de um hospital. Encontrou Mike agarrado à cabeça, com uma toalha encharcada em sangue e comportando-se de maneira confusa. Ajudou o filho, que tinha mais de 2 m de altura e 84 kg, a se pôr de pé, colocou-lhe o braço por cima do próprio ombro e arrastou-o até o carro. Temendo que ele morresse antes de ser socorrido, voltou ao Hospital de Monongahela Valley, de onde saíra pouco antes.

Os médicos submeteram o rapaz a um exame tomográfico, que revelou uma hemorragia do lado direito do cérebro. Ele então foi rapidamente transportado de avião para o Hospital Geral de Allegheny, o centro traumatológico mais importante da região, onde neurocirurgiões o operaram duas vezes. Mas Mike nunca voltou a si do coma em que caíra na noite de domingo. Para Frances, o choque emocional foi lancinante porque, 21 anos antes, seu filho mais velho, Eugene, morrera em consequência de um tolo tiroteio.

Embora tivesse razões para isso, ela nunca se tornara uma pessoa amarga. Aquela mãe de 63 anos, chamada de Miss Frances por todos os amigos dos filhos, era uma mulher negra, alta, cheia de dignidade, com um riso profundo e alegre e um feitio maternal. Ela e o marido, Alvin, tinham trabalho duramente para criar os três filhos, Eugene, Yvonne e Mike.

Durante sete dias, Frances Lucas manteve-se à cabeceira do filho praticamente sem descanso, aguardando qualquer sinal de recuperação. Mas na noite de sábado 12 de junho, o médico que acompanhava aquele paciente anunciou-lhe o que ela mais temia. O inchaço constante, combinado com as lesões da cabeça e o restabelecimento da hemorragia, tinha destruído o cérebro do filho.

«Como é possível acontecer tal coisa?», pensou Frances, arrasada.

No dia seguinte, os médicos fizeram uma série de exames para avaliar as funções cerebrais de Mike. Tentaram uma série de estímulos, mas ele não reagiu a nada. Às 18.31 de domingo, William Michael Lucas foi declarado oficialmente morto.

Nessa mesma noite, Frances Lucas, sentada numa sala pequena e sossegada do Hospital Geral de Allegheny, viu-se diante de Penny Davis, uma ex-enfermeira da ala de traumatologia que se tornara coordenadora de transplantes de órgãos em contato com o Centro de Recuperação de Órgãos e Educação (sigla, em inglês, CORE).

Penny acabava de exprimir à exausta mãe seu pesar por ter sabido o que acontecera com Mike. Depois, com a delicadeza possível, perguntou-lhe se já tinha pensado em doar os órgãos do filho. Frances respondeu-lhe quase num murmúrio:

— Nunca me ocorreu tal coisa. Vou ter de pensar no assunto. Concordo em doar órgãos de Mike — disse finalmente Frances a Penny.

Esta garantiu-lhe que o transplante se realizaria no maior segredo. Frances nunca saberia os nomes dos receptores dos órgãos, e eles nunca seriam informados do nome de seu filho.

Pouco depois de Frances assinar um formulário consentindo a doação dos órgãos, Penny reuniu todas as informações sobre Mike, registrando a idade, sexo, altura e tipo de sangue, para serem introduzidas no computador acerca de doadores de órgãos.

Frances Lucas regressou a Monessen, onde os amigos e a família se tinham reunido para chorar o assassinato daquele filho, como já acontecera 21 anos antes com o outro.

ROBERT Casey afastou os olhos da televisão: estava assistindo às finais da NBA em seu quarto de hospital. Eram 11 da noite de domingo, um dia depois de ter ingressado no Centro Médico da Universidade de Pittsburgh.

Starzl e o Dr. John Fung, chefe de transplantes, estavam à porta. Casey percebeu pela expressão dos dois que havia notícias importantes a dar. Foi Starzl quem anunciou:

— Temos um doador para você.

Casey ficou atônito, o mesmo se passando com Ellen e os filhos Matt e Patrick, vindos de Scranton de automóvel para visitá-lo.

— Tão rápido? — limitou-se ele a comentar.

Insistira em que não queria tratamento especial e seu desejo fora cumprido. O sistema CORE coloca

os candidatos a dois órgãos numa lista separada. Quando o computador procurou receptores de dois órgãos que fossem compatíveis com o tipo sanguíneo O e as dimensões do corpo de Mike Lucas e que estivessem no sistema de Pittsburgh, Casey foi o único a aparecer.

— É um homem de 34 anos desta região — foi a única coisa que Starzl pôde revelar. — Tem seu tipo sanguíneo e mais ou menos a mesma altura. É o doador ideal, embora seja portador de dois vírus. Mas você tem de decidir já se aceita ou não.

— Vamos em frente — respondeu Casey.

À 1.30 da madrugada de segunda-feira, Casey transferiu seus poderes para o vice-governador Mark S. Singel. Às 3 horas, Chris, o último filho a chegar, entrou no quarto do pai, preocupado, mas seus receios se desvaneceram quando ouviu o pai rir ao recordar um episódio de *The Honeymooners* (*Os recém-casados*), o programa cômico de TV de sua predileção.

O riso, porém, se apagou quando as 5 horas se aproximaram — o momento marcado para a operação. Pela primeira vez em suas vidas, os filhos dos Casey viram sua corajosa mãe começar a soluçar. Em silêncio, saíram do quarto para proporcionarem aos pais uns curtos momentos de intimidade.

Ellen sentou-se na beira da cama e acariciou o ombro do marido.

— Eu o amei todos os momentos de minha vida, desde meus 14 anos. Como viver sem você? — pergun-

tou a ele com suavidade, enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto. — Você não pode me deixar agora — acrescentou, abraçando-o com força.

— Não vou deixá-la, Ellen — respondeu Robert docemente. — Prometo que volto.

Antes de regressarem ao quarto, Margi, a mais velha, virou-se para os irmãos e pediu:

— Não chorem na frente do pai.

Quando eles entraram, um de cada vez, Casey abraçou-os e afiançou-lhes que se orgulhava de todos e do caráter que revelavam. Quando Kate se aproximou, lembrou-se da campanha de 1986 e recordou a dureza da luta naquele ano e a forma como a vencera. Tinha os olhos marejados de lágrimas quando lhe apertou a mão.

— Lute, pai, lute! — pediu ela.

Casey correspondeu com um aperto de mão mais forte e murmurou com voz rouca:

— Sim, Kate.

Momentos depois, chegaram os enfermeiros para o levarem à Sala de Cirurgia 6. Ellen acompanhou a maca, com os filhos a seguindo. Quando entrou no elevador, Robert Casey olhou mais uma vez para os filhos e pensou: «São as flores mais belas do mais belo jardim do mundo.»

A família, contendo as lágrimas, acenou para ele. Antes de as portas do elevador se fecharem, Casey ergueu os olhos e sorriu. Pensou, enquanto descia ao centro cirúrgico:

«O Senhor me trouxe até aqui. Levar-me-á pelo resto do caminho.»

ANTES do romper do dia, o Dr. Adrian Casavilla, cirurgião-geral, e sua equipe de recolha de órgãos dirigiram-se ao Hospital Geral de Allegheny. Casavilla telefonou a John Fung para lhe dizer por onde começariam. Embora o cérebro de Mike Lucas tivesse ficado destruído, seu coração ainda batia. Além disso, tinham-no mantido ligado a um aerador, que continuava a bombear oxigênio para seu corpo, mantendo os órgãos internos em funcionamento.

Alguns membros da equipe extraíram-lhe o coração, enquanto outros recolhiam o fígado e outros ainda os rins, destinados a dois outros receptores. Os órgãos foram envolvidos em toalhas esterilizadas, colocados em soluções conservantes e cuidadosamente depositados em geleiras portáteis para serem rapidamente transportados para o centro médico.

O tempo era fator essencial. Embora o fígado pudesse se manter viável fora do corpo por cerca de 18 horas, o mesmo não acontecia ao coração. Seu «tempo isquêmico» máximo (período em que se mantém transplantável sem fluxo sanguíneo) era de cinco horas. Depois disso, as células sofriam danos irreversíveis por falta de oxigênio.

A equipe de coleta de órgãos seguiu rapidamente do Allegheny, numa ambulância, para o Centro Médico da Universidade de Pittsburgh,

onde o Dr. John M. Armitage aguardava. Às 7.25 da manhã, ele praticou uma incisão de 30 cm no centro do peito de Casey para dar início àquele que seria o sétimo transplante de coração e fígado na história dos Estados Unidos.

Armitage, que já realizara 200 operações de transplante cardíaco, ficou impressionado com o que viu. As paredes do órgão de Casey estavam espessas e quebradiças, com a consistência de couro velho. Em vez de bater por vibrações, o coração parecia agitar-se por meio de leves estremecimentos. «Como conseguiu ele sobreviver assim?», admirou-se o médico.

Ligou Casey à máquina que substituíria o coração e os pulmões, laqueou a aorta e deu início à excisão de seu coração. Às 9.30, o paciente estava pronto para o transplante. Armitage desembulhou o coração do doador, retirou-o da fria solução que o conservava e colocou-o, flácido e acinzentado, com muito cuidado, no peito do paciente. Alguém pôs gelo no coração doado para que ele se mantivesse frio durante a cirurgia. Depois, vaso por vaso, o médico começou a ligar o novo órgão ao corpo de Casey.

Enquanto prosseguia a operação, o coração doado adquiriu um tom ainda mais cinzento, sinal de que se acentuava a privação de oxigênio. O cirurgião olhava para o relógio com frequência. Faltava a aorta, a última das quatro ligações sanguíneas mais importantes. Ponto a ponto, meticulosamente, Armitage ligou

a aorta de Casey ao novo coração. Dado o último ponto, pouco antes do meio-dia, o médico retirou a pinça aórtica, deixando o fluxo de sangue correr.

Normalmente, um coração gelado e acabado de transplantar necessita de um leve choque elétrico para voltar a bater, mas, quando Armitage lhe insuflou um pouco de sangue quente, o órgão que havia poucas horas pulsava no peito de Michael Lucas começou a palpitar, dando nova vida a Robert Casey. Cada nova batida era mais firme que a anterior, num coração que pulsava com três vezes mais força que o velho coração de Casey. Sua cor passou do cinzento a um saudável rosa-avermelhado. Armitage certificou-se de que nenhuma das suturas apresentava perda de sangue. Estava tudo em ordem. A operação decorreria sem incidentes.

Foi então até a sala onde a família Casey aguardava. Enquanto a intervenção estava em andamento, o pessoal hospitalar viera dar-lhes conta do modo como tudo se processava.

— O transplante do coração correu muito bem — informou Armitage, fitando os rostos tensos que se viravam em sua direção.

Só após 1 ou 2 segundos foi que a família, emocionalmente exaurida, se deu conta da boa notícia. Então todos cercaram o cirurgião para lhe agradecer. Ele se virou para Ellen, muito pálida, e perguntou:

— Que tal um abraço?

Ela abraçou-o com força.

Na SO 6, o transplante do fígado

do já se iniciara. Era uma operação bem mais complexa devido aos inúmeros vasos sanguíneos existentes no órgão. Quando Starzl começara a transplantar fígados humanos, fazia 30 anos, o processo levava por norma 18 a 20 horas. Agora podia ser completado em metade desse tempo.

O Dr. Satoru Todo, auxiliado pelo Dr. Fung, gastou boa parte da tarde para extrair o fígado de Casey.

Este é o órgão mais complexo do corpo humano. Grande e de uma cor marrom-avermelhada, está implantado logo abaixo da caixa torácica, no quadrante superior direito do abdômen. É a fábrica química do corpo, influenciando 500 funções, desde a digestão dos alimentos à coagulação do sangue.

Um a um, a equipe laqueou a infinidade de vasos que chegam a ele.

LEIA EM JULHO

Esteja atento a estes e a mais de uma vintena de outros artigos e seções que o farão rir, pensar, comover-se ou indignar-se, selecionados do que de melhor se publica no mundo.

CAÇADOR DE ASSASSINOS

Aprendendo com uma série de crimes brutais, um discreto agente do FBI tornou-se uma autoridade na perseguição de *serial killers*. A sua experiência inspirou o filme *O Silêncio dos Inocentes*.

COMO SE FAZ UM CAMPEÃO OLÍMPICO

Um especialista em Psicologia do Esporte afirma que para se ser campeão olímpico não é preciso apenas ser-se bom atleta; é preciso também determinação e profunda autoconfiança.

ÁFRICA: O REGRESSO DA ESCRAVATURA

No meio de uma cruel guerra civil, milhares de homens, mulheres e crianças das tribos negras do Sul do Sudão estão sendo raptados e levados para o Norte para servir os senhores do regime.

CÁLCIO, O MINERAL MÁGICO

Ele não fortifica apenas nossos ossos e dentes: desempenha também um papel importantíssimo em outras de nossas funções vitais. Aprenda como neste artigo de *Seleções* de junho.

O HERÓI DO POVO DE TIMOR

Trata-se do bispo D. Ximenes Belo, que lidera a resistência de um povo corajoso contra os invasores indonésios. Uma bela história de perseverança passada numa ilha longínqua.

O processo foi lento e cuidadoso, visto que os cirurgiões tinham de ter certeza de que não afetariam os órgãos próximos. Depois, cortaram os vasos junto ao fígado e retiraram-no.

Fung pegou o órgão doado, naquele momento frio e de um tom quase cinzento. Os cirurgiões tinham de voltar a ligar cada um dos vasos de Casey aos vasos do novo órgão. Como no transplante cardíaco, cada sutura era meticulosamente cosida para não haver derrames. Era um trabalho cansativo e que exigia rigor.

Ao fim de quase 13 horas de cirurgia intensa, mas sem complicações, fizeram-se as últimas suturas. O fígado doado já estava ligado ao organismo de Casey e chegara o momento da verdade. Os cirurgiões retiraram todas as pinças dos vasos e deixaram o coração bombear para o novo órgão. À medida que o sangue oxigenado o percorria, ele ia-se tornando mais cheio e ganhava um tom rosado. Fung sorriu ao assistir àquele pequeno milagre. O fígado havia voltado à vida.

Às 20.45, mais de 13 horas após o início das cirurgias, Casey foi levado para a UTI. A intervenção não podia ter corrido melhor.

Quando os filhos entraram na sala, sentiram-se momentaneamente chocados com o aspecto do pai. O corpo estava inchado e parecia ter tubos ligados por todo lado. Mas não resistiram a tocar-lhe nas mãos e nos pés, quentes e rosados, pela primeira vez havia meses.

Na manhã seguinte, terça-feira, os Casey, assim como todo mundo

mais, ficaram sabendo quem era o doador. Aparentemente, os jornalistas haviam relacionado a certidão de óbito de Lucas com a descrição do doador.

LOGO após a operação, Robert Casey não pôde falar, por estar ligado a um aerador. Mesmo assim, comunicava-se com a família, os médicos e as enfermeiras por meio de bilhetes. Depois de lhe retirarem o aerador, no terceiro dia, os visitantes foram encontrá-lo calmamente sentado na cama, tomando um sorvete.

Starzl vinha ver seu paciente todos os dias e, à medida que as semanas passavam, animava-se com a recuperação espantosa de Casey. Convencido de que, quanto mais cedo os operados fossem para casa, melhor seria sua convalescença, tinha uma proposta a fazer.

— Governador, o senhor precisa sair daqui — disse numa manhã, após observar sua papeleta.

Casey sorriu e perguntou:

— Que sugere?

— Que tal um piquenique?

Numa radiosa tarde de domingo, em julho, cinco semanas depois da operação, Casey saiu pela primeira vez do hospital. Ao chegar à rua, parou por um momento, encantado por inspirar ar fresco e sentir o sol a aquecê-lo. Starzl levou-o a Fox Chapel, um bairro de Pittsburgh, para participar do piquenique organizado pela unidade de transplantes.

Mais tarde, Casey foi ver um filme num cinema próximo e, em meados de julho, Starzl levou seu famo-

so paciente ao Three Rivers Stadium para assistir a um jogo de beisebol. Casey continuava a registrar melhoras, e a 27 de julho teve alta, 43 dias após a operação.

A convalescença parecia correr bem, mas nesse outono deixaram de se registrar melhoras. A 28 de setembro, ele foi ao Centro Médico da Universidade de Pittsburgh e se queixou de fraqueza e sintomas de gripe. Num paciente transplantado, qualquer infecção constitui um risco potencialmente grave, porque o sistema imunitário está debilitado. No caso de Casey, os riscos de infecção eram ainda maiores, devido à idade e pelo fato de a doença tê-lo enfraquecido ao longo de anos.

Os médicos descobriram que ele sofria de duas infecções sérias, Epstein-Barr e um citomegalovírus — ambos vírus comuns de que Michael Lucas era portador, mas contra os quais Casey nunca desenvolvera anticorpos.

Tratar de um paciente de transplante exige sempre um equilíbrio delicado entre arte e ciência. Se o imunossistema for demasiado controlado, pode tornar-se letalmente suscetível às infecções. Se não for suficientemente controlado, o corpo pode rejeitar os órgãos do doador.

Os médicos de Casey tinham ponderado os riscos e, verificando que a infecção constituía um perigo maior, reduziram-lhe a dose de FK 506, um medicamento imunossupressivo altamente eficaz, e deram-lhe antibióticos. Depois esperaram. Passados uns dias, as febres desapareceram.

Duas semanas mais tarde, Casey voltou a registrar acessos de frio e febre, mas, à medida que o tempo passava, as infecções desapareciam e ele voltava a sentir-se melhor. A 19 de outubro, teve alta do hospital.

Finalmente, um Casey rejuvenescido retomou suas funções como governador a 21 de dezembro, seis meses depois da cirurgia, momento em que anunciou perante uma sala cheia de políticos:

— Voltei porque é meu dever.

Mesmo alguns de seus mais ferrenhos inimigos políticos tinham lágrimas nos olhos naquele dia em que ele regressou ao trabalho. Dez dias depois, realizou um de seus primeiros atos importantes como governador em reinício de funções, na véspera do Ano-Novo, naquele ano particularmente frio. Tinha sabido que o programa do estado que providenciava subsídios para o aquecimento das casas de famílias de baixos rendimentos estava sem fundos. Isto significava que muita gente pobre passaria frio em suas moradias.

— As pessoas não podem viver assim — comentou, e ordenou que se transferisse imediatamente uma verba para esse programa. — É isso que me agrada na função de governador — comentou ele com um de seus assessores.

A 22 de julho de 1994, dia quente e úmido em Monongahela Valley, Casey foi ao hospital para onde Frances Lucas levava primeiro o filho mortalmente ferido, havia mais de um

ano. A visita destinava-se a chamar a atenção da imprensa para o programa de incentivo à doação de órgãos.

De terno azul-escuro e gravata vermelha, Casey parecia de boa saúde, como não acontecia havia anos. Sentia-se bem. Tinham desaparecido muitos dos sintomas residuais da doença, como Starzl previra. Ele engordara mais de 7 kg, tinha o rosto mais cheio, a voz mais forte e recuperara muito de sua velha energia.

O governador Casey e Frances Lucas.

Ellen reparava em outras alterações no marido. Toda a vida entregue ao trabalho insano, Casey costuma dar pouca atenção aos prazeres simples da vida. Agora detinha-se a apreciar a beleza de um radiante dia de verão.

Retomou o interesse em assistir a jogos de beisebol à noite com o filho Matt, que nesse ano ficara em casa para ajudar. Os colaboradores assinalavam o fato de seu temperamento irlandês não se manifestar com a mesma rapidez de antigamente, quando as coisas corriam mal.

Tinham-se reunido no auditório mais de 200 pessoas para assistirem à sua palestra, às 11 horas. Entre elas estava Frances Lucas. Com um vestido preto e um casaco de xadrez

branco e preto, sentara-se ao lado de Ellen Casey, na fila da frente.

Encontrara-se em privado, em abril, com os Casey, que tinham querido agradecer-lhe pessoalmente. Com frequência, à noite, na quietude de seu quarto de hospital, o governador pensava

no filho dela. Sentia-se ligado a Mike, relacionado de uma maneira muito especial. Nesse dia teria oportunidade de exprimir publicamente esse sentimento e sua gratidão.

Começou o discurso dizendo que, quando se encontrara pela primeira vez com Frances Lucas, fora assaltado pela idéia de que era



portador do coração e fígado do filho dela.

— É um sentimento impossível de compreender ou descrever. Uma das coisas mais generosas que ouvi foi o que Frances Lucas disse depois da operação: que seu filho continuaria a viver através do que eu fizesse. Todos os dias penso nisso. Penso todos os dias em Michael Lucas. Faz parte do tecido de que é feita a minha vida.

Quando acabou a oração, desceu do palco e abraçou Frances, dizendo-lhe:

— Obrigado. Obrigado por tudo quanto fez.

Os presentes se dispersaram lentamente, enquanto ele trocava apertos de mão e cumprimentava algumas pessoas. Ao sair, despediu-se mais uma vez de Frances. Ela sorriu, depois virou-se para atravessar a rua, em direção ao hospital e a seu emprego de recepcionista.

De mãos dadas com a mulher, Casey caminhou até o automóvel e, enquanto se acomodava no assento de trás, acenou mais uma vez para Frances Lucas e ficou olhando até aquela mulher digna que ajudara a salvar sua vida transpor as portas do hospital. Pensou: «Uma criatura espantosa. Nunca saberá verdadeira-

mente o que sua generosa dádiva fez por mim e por minha família. Deus a abençoe.»

Segundo a lei de Pensilvânia, o governador não pode cumprir mais de dois mandatos, razão por que, em janeiro de 1995, Robert P. Casey deixou de desempenhar funções, gozando a fama de ter sido um dos administradores mais populares e respeitados da história do estado.

Depois disso, tornou-se presidente da Campanha para a Família Americana, em Arlington, Vancouver. Também foi nomeado presidente e secretário-geral da Organização Internacional de Receptores de Transplantes, grupo representativo dos recipientes de transplantes e das famílias dos doadores. Não recebe pagamento por essa função. Finalmente, tenciona organizar uma fundação para formação de cirurgiões negros americanos especializados em transplantes, que terá o nome de Michael Lucas.

Em maio de 1994, Christopher Garry foi indiciado por assassinato de terceiro grau por seu papel na morte de Michael Lucas. Foi condenado a uma sentença de 10 a 20 anos. Outros nove homens foram acusados do homicídio; um declarou-se culpado e oito aguardam julgamento.

FOTOS: PÁGINA 119 (AO FUNDO), © DE UNIPHOTO; (CASEY), © DE FRED VUICH/GAMMA LIAISON

Boa medida

HÁ TRÊS coisas que se um homem não souber, não durará muito neste mundo: o que é de mais para ele, o que é de menos para ele e o que é certo para ele.

— Provérbio suaíli